

Recordações de Uma Velha Escola (1918-1920)

Gen Ex R/1

JOÃO PUNARO BLEY

Das turmas egressas da nossa velha e saudosa Escola Militar do Realengo na década de 20, talvez tenha sido nossa a mais provada, a mais sofrida.

Inicialmente, ao cursá-la, enfrentamos o impacto de duas orientações conflitantes que chamaríamos a velha e a nova ordem, para diferenciá-las.

Posteriormente, ao ingressarmos no oficialato, fomos protagonistas de uma época agitada que vai do malogrado e heróico levante de 5 de julho de 1922, até a vitória da Revolução de outubro de 1930, como decorrência de movimentos de inconformismo político-militar que marcaram aquele inquieto e turbulento decênio.

Éramos pouco mais de 3 centenas de jovens oriundos de 3 Colégios Militares e Escolas Civas, quando, em março de 1918, movidos pelo mesmo ideal, unidos no mesmo esforço, transpusemos os seus umbrais.

Situada no Realengo, então longínquo e esquecido subúrbio da Central do Brasil, nossa velha Escola, reduzida a um único pátio, provida de precárias instalações de suporte, sem dotações extraordinárias para um planejamento adequado capaz de atender necessidades e exigências de tão numeroso contingente, não tinha, evidentemente, condições mínimas para cumprir as altas finalidades de uma Escola de Formação de Oficiais, homens a quem a Nação confiaria o alto encargo de zelar e defender as características imutáveis e intocáveis de sua segurança e soberania.

Com aquele pátio tomado por alojamentos; salas de aulas fora de sua sede; um horário de trabalho e de refeições anacrônico e desajustado, seu “rancho” — na natureza nada se perde, tudo se transforma — com mesas de 22 lugares, sujeitas à implacável “lei da peruação”, no ziguezaguear dos bifes rigorosamente contados; “máquina” que não podia parar, abismou-se em fracassadas soluções de emergência.

“Risonha e franca”, como a chamávamos, com a quase totalidade dos seus alunos espalhados por “repúblicas”, e, por isso mesmo, sem condições de fiscalizá-los; o vaivém por ruas sem calçamento, para atender às exigências intransferíveis do ensino teórico; agasalhos bizarros e improvisados, o “trote” campeando livremente, violento e por vezes deprimidamente, só interrompido após o famoso “caroço”, instrução militar rudimentar e incerta; obrigada a aplicar regulamento novo improvisando professores, notadamente no currículo de línguas, foi assim, que, rapidamente adaptadas ao seu peculiar modo de vida, começamos a enfrentar os percalços da vida militar.

Tais deficiências e desconfortos, como observou ilustre chefe militar, não podiam deixar de contribuir para uma queda sensível da sua disciplina.

É que, pretendia-se os fins, sem os meios.

Apesar de tudo, avançando no tempo, passamos pelos exames do primeiro período, iniciando o segundo. Foi quando, em outubro, deu-se o inesperado, o imprevisível — a gripe espanhola — que nos atingiu a todos, interrompendo as aulas por cerca de um mês.

Então, estabeleceu-se o caos, a Escola dividida em 3 grupos heterogêneos.

Os “faraós”, como sempre agarrados aos livros; os que se enquadraram no cômodo “ser ou não ser”, de quando em quando dando uma olhadela na incipiente matéria dada; e, finalmente, a massa, informe, inquieta e descontrolada, alheia aos estudos, fanaticamente acreditando num “milagre”.

E, este veio sob a forma do exame por decreto, duramente criticado pelos nossos maiores, mas que evitou um "massacre" certo, embora incruento.

Inebriadas pela vitória alcançada, vivendo intensamente as emoções daquele inédito e histórico acontecimento; sem olhos para ver além da ponte do Piraquara, escapou-nos que outros olhos mais esclarecidos e argutos observavam o que estava acontecendo — um estudo de anarquia impossível de ser tolerado por mais tempo — sem graves repercussões na formação do futuro quadro de oficiais.

E, assim, sem que nos apercebessemos, surgiu um fato novo que iria transformar fundamentalmente nossa então filosofia de vida, uma "reversão de expectativa" como modernamente se diria.

Em novembro, começamos a deparar com fisionomias novas.

Era a vanguarda da famosa "Missão Indígena" que surgia, com a finalidade específica de formar um novo tipo de oficial com mentalidade aberta à realidade brasileira, capaz de atuar com eficiência e precisão nas mais variadas formas de luta.

Constituída por uma plêiade de oficiais de escol rigorosamente selecionada em concurso: expressivamente saudada pelo próprio Chefe do Estado-Maior do Exército, fato singular na nossa história militar; dedicada e cônica dos seus deveres e obrigações; de elevado valor moral e profissional, entusiasta da tarefa a cumprir, iria exercer notável e decisiva influência na nossa formação profissional.

Em dezembro, entramos em férias. Quando do nosso regresso, em março de 1919, surpresos verificamos que um "furacão" de substituições havia varrido a velha ordem. Ainda incrédulos, cedo passaríamos a compreender que havíamos ingressado na nova ordem.

Decisões enérgicas, certas e oportunas, emanadas do alto comando do Exército reestruturando-lhe, novamente o ensino com predominância do militar; a proibição da dependência indeterminada; a instituição do grau de moral; a mudança

do comando, do pessoal de administração, do corpo de instrutores; todo este conjunto de medidas excepcionais tomadas na nossa ausência, cedo iriam colocar nossa velha Escola na sua verdadeira missão, a formação de oficiais subalternos de todas as armas provados por uma instrução militar jamais, anteriormente, praticada. Complementarmente, com rapidez pouco comum em obras públicas, seu segundo pátio encontrava-se inteiramente construído e o terceiro bastante adiantado.

Alojamentos amplos e arejados iriam nos abrigar, camas e colchões novos, as velhas "aratacas" substituídas por armários. Órgãos de apoio convenientemente instalados e equipados; salas de aulas novamente grupadas no primeiro pátio, reservado à administração, evitando caminhadas inúteis e fugas programadas; "o rancho" com mesas de 8 lugares destronando a "peruação"; alimentação mais variada e de melhor preparo. Mas, a grande surpresa iria residir no novo quadro de trabalho: alvorada às 5 horas, primeira refeição às 5,30, formatura e partida para os diferentes campos de instrução às 6, regresso às 10, almoço às 11, aulas teóricas das 12 às 16,30, jantar às 17,30, hora e meia de recreação fora da Escola, mas no Realengo e adjacências, revista às 19, silêncio às 21 horas, tempo integral de instrução às sextas-feiras.

Trabalho e exemplo; restrições de saídas em dias úteis; obrigatoriedade de comparecimento às aulas teóricas; pontualidade de professores e instrutores; comando íntegro e inteiro, contando com a colaboração leal e dedicada dos órgãos administrativos; o característico poder de adaptação da juventude; a perfeita indentidade de propósitos tão necessária ao êxito de qualquer obra coletiva, toda esta conjugação de esforços, energias e vontades iriam permitir que nossa velha Escola, em pouco tempo, alcançasse alto grau de eficiência, sem precedentes em outros estágios de sua evolução.

O grande golpe psicológico inflexivelmente executado — quatro horas diárias e seguidas aos rigores de exercícios viris

e diversificados, ao sol dos seus diferentes campos de trabalho — havia produzido os resultados esperados. Em 1920, por três vezes em homenagem ao Rei Alberto da Bélgica, além de uma rotina, seus cadetes com novos uniformes de parada rapidamente conhecidos, desfilaram espetacularmente ante uma população atônita e entusiasmada.

Em verdade, era confortador e estimulante contemplar-se aquela bela e harmoniosa afirmação da vida militar, ao exclusivo serviço da Pátria comum.

Passados tantos anos, volvendo aos tempos de uma mocidade que já vai longe, reli os elogios que a propósito havíamos recebido.

Capacitei-me, então, que a linguagem militar, fria e concisa, havia sido demasiadamente pobre para nos classificar.

É que, sem falsa modéstia, éramos algo novo, algo surpreendente, sem antecedentes históricos.

Afinal, vencidos três anos de angústias, alegrias, esperanças e aspirações, em 18 de janeiro de 1921, embora pertencendo a turma de aspirantes de 1920, desatado, mas não rompido os laços indelévels que nos prendiam a nossa saudosa Escola, pisamos o primeiro degrau do oficialato, homens de ação, instruídos, treinados e capacitados para o exercício de múltiplas, complexas e variadas funções que nos seriam atribuídas, muitas vezes superiores às do nosso posto.

Monumento de uma época que já começa a ser remota, esquecida pela história, indiferente a um público que dia a dia vai se reduzindo, nossa velha e saudosa Escola Militar do Realengo, decaída de suas antigas prerrogativas, transferidas para a bela Academia Militar das Agulhas Negras, depositárias das esperanças da Nação no civismo da mocidade que acolhe, prepara e educa, não mais exerce a nobre missão de formar homens para o oficialato.

Contudo, seu verbo e sua mensagem — um coração, uma inteligência, uma consciência ao serviço do Brasil — ainda ressoam aos nossos ouvidos como eco de uma ressaca longínqua e sua flama ainda vive nos nossos corações.